



DOI: <https://doi.org/10.26694/cadpetfilo.v15i29.5935>

EM TORNO DO CONCEITO DE EXPERIÊNCIA EM WALTER BENJAMIN

Around Walter Benjamin's concept of experience

André Martins Aguiar¹

RESUMO

Neste artigo discutiremos o conceito de experiência [*Erfahrung*] em Walter Benjamin a partir de seus ensaios entre 1913 e 1936. Partiremos de seus escritos de militância juvenil a respeito da experiência com a intenção de identificarmos uma oposição entre figuras que reivindicam para si a experiência, a saber, o adulto, o que aconselha o jovem a desistir de si mesmo, e o jovem, que se encontra desorientado em razão dessa cisão entre gerações conflitantes, impossibilitando a continuidade da experiência, mesmo que aqui seja compreendida de forma singular. Em seu ensaio sobre a experiência em Kant e nos neokantianos, a definição de experiência deve ser expandida, não deixando de alcançar o ato de contar histórias e de dar conselhos. Nos escritos de 30, consideraremos a abordagem da decadência da experiência (enquanto coletiva e perpassada por gerações), bem como a ascensão da vivência, que se trata de um vínculo isolado com as coisas em geral, restando formas privadas de lidar com a vida, causando desorientação no indivíduo isolado de sua comunidade real.

Palavras-chave: Narrativa. Vivência. Kant. Experiência alargada. Rememoração.

ABSTRACT

In this article we will discuss the concept of experience [*Erfahrung*] in Walter Benjamin from his essays between 1913 and 1936. We will start from his writings of youth activism regarding experience with the intention of identifying an opposition between figures who claim experience for themselves, namely, the adult, the one who advises the young person to give up on themselves, and the young person, who finds himself disoriented due to this split between conflicting generations, making it impossible to continue the experience, even if it is understood here in a unique way. In his essay on experience in Kant and the neo-Kantians, the definition of experience must be expanded, not forgetting to include the act of telling stories and giving advice. In the writings of the 1930s, we will consider the

¹ Graduando em filosofia pela UFPI. Integrante do PET Filosofia UFPI. E-mail: andreole321@gmail.com
CADERNOS PET, V. 15, N. 29

approach to the decline of experience (as collective and permeated by generations), as well as the rise of experience, which is an isolated link with things in general, leaving private ways of dealing with life, causing disorientation in the individual isolated from their real community.

Keywords: Narrative. Experience. Kant. Expanded experience. Remembrance.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende introduzir e problematizar o conceito de “experiência” (*Erfahrung*) em Walter Benjamin. Para tanto, precisaremos trabalhar também o seu oposto: a vivência (*Erlebnis*). Durante isso, poderemos adentrar em uma questão importante: a autoridade necessária para reivindicar a experiência em seu sentido forte, enquanto algo que se prolonga, se acumula e se torna cada vez mais rico. Essa abertura para continuidade da experiência é, desde os primeiros ensaios de Benjamin, o constante de sua reflexão sobre esse conceito.

Para uma compreensão ampla do movimento do conceito de “experiência” (de seu sentido negativo, de sua decadência, bem como a ascensão da “vivência” e a renovação autêntica da experiência a partir de uma prática, de uma ação transformadora e destruidora), partiremos dos seguintes textos de Benjamin: “Experiência” (1913), “Sobre o programa da filosofia por vir” (1918), “Experiência e Pobreza” (1933) e “O narrador” (1936).

Benjamin identifica na experiência do adulto um esforço de reinvidicação e toda a experiência, isto é, de privação da experiência. Ela não apenas é “impenetrável”, como também “destruidora de nossos anos”. A experiência como “máscara”, em que o adulto se esconde e expressa uma falsa autoridade: “assim me foi ensinado”, no sentido de “assim era, assim é e assim será”. Esse costume de lidar com a experiência como um caroço duro, fechado em um passado fixo em todos os tempos.

Nos escritos de 30, ele definirá, de modo parecido, uma reação negativa à decadência da experiência, isto é, a renovação inautêntica de um passado que não mais está ligado a nós. Trata-se de uma prática que Benjamin chama de “galvanização”, um esforço para a continuidade e a permanência da cultura burguesa e de seu tratamento do tempo, que degrada a possibilidade de qualquer experiência tradicional, pois a temporalidade moderna (o tempo do capital, do trabalho entrecortado, intermitente) castrou a nossa capacidade de



transmitirmos experiências.

Em “Experiência”, de 1913, Benjamin trabalha a “experiência do adulto” e a “experiência do jovem”. Aqui, o conceito de experiência se assemelha ao do senso comum, como “experiência de vida”, isto é, experiência e vivência como equivalentes, como sinônimos. A respeito disso, Kátia Muricy aproxima o conceito de experiência [*Erfahrung*] desse ensaio de Benjamin ao de vivência [*Erlebnis*], conceito oposto, desenvolvido em seus escritos maduros, que expressa “a dimensão incomunicável da experiência na modernidade” (Muricy, 1998, p. 43).

O adulto reivindica para si toda a experiência, e nega que o jovem possua alguma. Mas é ainda mais profundo: ele rejeita todo o tempo presente, refletindo nesse a conversão de todos os seus fracassos pessoais em seu tempo de juventude, impossibilitando toda a possibilidade do novo e, portanto, da continuidade da experiência que viria a ser perpassada a partir dos mais jovens.

No ensaio de 1918, “Sobre o programa da filosofia por vir”, Benjamin entra em combate contra o neokantismo e a herança da visão de mundo do esclarecimento. Ele identificou o conceito kantiano de experiência como limitante para a produção de conhecimento, além de, sobretudo, impedir a continuidade da experiência e a possibilidade de contato, a partir dela, com a religião e a história: “Scholem afirma que, entre 1915 e 1927, a religião foi o tema central de Benjamin. Isto é, o tema se trata do ser humano “na relação de todas as coisas com Deus” (Muricy, 1998, p. 65).

No ensaio “Experiência e pobreza”, de 1933, Walter Benjamin fará suas críticas a partir da identificação de uma mudança estrutural na experiência moderna. Trata-se de uma nova tarefa: a de reconhecimento de nossa pobreza de experiência e da necessidade de uma nova atitude para reagirmos à crise da tradição (compreendida como comunhão de práticas compartilhadas) e ao resgate inautêntico do passado. Aqui, há uma mudança no tratamento conceitual da *Erfahrung*. A partir deste ensaio, Benjamin a conceberá como um saber que é perpassado entre diferentes gerações, mas que está em declínio.

As figuras que tradicionalmente perpassam a experiência estão em crise ou em extinção, como o contador de histórias, a figura do sujeito capaz de lidar com a morte (o moribundo, em seu sentido positivo), o viajante que retorna com aventuras a serem transmitidas, o camponês organicamente ligado à terra e à sua comunidade, bem como o

artesão, que carrega consigo todas as características daquele que é capaz de produzir a experiência.

“Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?” (Benjamin, 1994, p.114)

Já não vivemos em comunidade, em uma vida compartilhada, onde “memória, palavra e práticas sociais” são comuns a todos, transmitidas e compartilhadas com todos.

Em 1934, publica “O narrador”, ensaio com trechos de “Experiência e pobreza”. É nesse texto que Benjamin identifica mais precisamente o início da degradação da experiência, mas é também nele onde começa-se a desenvolver modos de superar o problema atual da experiência. A articulação entre o comum, a memória, a oralidade e as práticas sociais serão possibilitadoras de uma nova tentativa de reconstrução da experiência. Deste modo, seguindo os textos, buscamos mapear a noção de experiência, acompanhando a formulação do autor.

O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE EXPERIÊNCIA, A IDENTIFICAÇÃO DE SUA DECADÊNCIA E ASCENSÃO DE SEU OPOSTO, A VIVÊNCIA

A experiência do adulto

A “experiência” é comumente usada como forma de representar um conteúdo valioso, seja um ensinamento específico ou uma forma de orientar-se na vida prática. E é dito que ela pertence ao indivíduo que a lapidou com paciência, com maior ou menor dificuldade. O experiente, dizem, é aquele sujeito que consegue lidar com as dificuldades da vida sem estar refém da sorte e do acaso, além de conseguir transmitir este saber prático aos outros.

Mas a prática também nos diz que o experiente é aquele sujeito arrogante, que sabe, mas não diz, não por medo de incompreensão, e sim por quere mantê-la como utilidade privada, comportamento semelhante à figura alegórica do “adulto” e da qualidade de sua



experiência vazia de conteúdo espiritual, isto é, que ela na verdade é uma lembrança individual e anacrônica do adulto que o guia como tirano dos mais jovens, como carrasco da possibilidade de uma nova experiência para a juventude:

ele sorri com ares de superioridade, pois o mesmo acontecerá conosco — de antemão ele desvaloriza os anos que estamos vivendo e converte-os na época das doces asneiras que se cometem na juventude, ou no êxtase infantil que precede a longa sobriedade da vida séria (Benjamin, 2009, p. 22).

Mas talvez ele tenha bons motivos para ser assim, pois nos é ensinado que guardar a experiência fará com que ela seja conservada. Assim pensa, tolamente, o indivíduo moderno, pois, na verdade, ele se refere, involuntariamente, à vivência como se ela fosse a experiência. Ironicamente, tal é a própria situação de Benjamin, que ainda escreve como se fossem sinônimos, mas que, sim, se diferenciam em razão de seu conteúdo: o espiritual do jovem e a vazia do adulto. “A experiência dos mais velhos “inexpressiva, impenetrável, sempre igual” é como se fosse a percepção de um tempo que, nas teses de 1940, Benjamin chamará de “homogêneo e vazio” ou de experiência da modernidade como repetição, como fantasmagoria infernal de um eterno retorno” (Muricy, 1998, p. 45).

Em um de seus primeiros escritos, datado de 1913 e intitulado de “*Erfahrung*”, é feita uma crítica a partir da experiência (espiritual, aberta para o novo) da juventude estudantil à “experiência do adulto” (fechada em um passado que imobiliza o presente), que já nada tinha a dizer aos mais jovens – nenhuma experiência a ser mostrada (excerto como máscara), nenhum conselho a ser dado, nenhuma história a ser contada.

Diferentemente dos textos posteriores, aqui experiência é compreendida como algo individual, ou pelo menos local. Sua concepção de experiência e suas articulações em torno de uma temporalidade comum entre gerações ainda não estão expressas, mas que, mesmo que involuntariamente, possuíam, desde o escrito de 1913, personagens referentes a gerações. Um embate entre as vivências de duas gerações (as dos adultos e as dos jovens) e a tentativa militante feita por Benjamin de reivindicar a verdade da experiência.

O próprio Benjamin, em uma carta de 29, comenta ter mobilizado a juventude contra a experiência, mas que “Apesar disso, permaneci fiel a mim mesmo. Pois o meu ataque cindiu a palavra sem a aniquilar. O ataque penetrou até o âmago da coisa”. (Benjamin, 2009, *CADERNOS PET*, V. 15, N. 29



p. 21). Essa cisão foi realizada a partir da reivindicação da experiência espiritual da juventude em oposição à experiência em oposição à experiência “intolerante” do adulto.

Quando a experiência é tornada “máscara do adulto”, a juventude, para poder ter uma “outra experiência”, necessita arrancar esta máscara. Ela confunde os jovens, que caem na falsa autoridade dos adultos. Eles reivindicam para si toda a experiência, não restando nada aos jovens, exceto a obediência cega à uma dita “experiência” que na verdade vulgariza o tempo presente e impede a possibilidade de novas experiências: “Por acaso eles nos encorajaram alguma vez a realizar algo grandioso, algo novo e futuro?” (Benjamin, 2009, p. 22).

Quando o adulto lembra de sua juventude, de suas vivências individuais, ele as compara com a dos jovens da geração atual e faz uma sugestão: o “aconselha o jovem a zombar de si mesmo” (Benjamin, 2009, p. 22). Quando o jovem Benjamin se posiciona contra a dita experiência do adulto, nos aconselha a nos ligarmos à “verdade”: “sabemos que existe a verdade, ainda que tudo o que foi pensado até agora seja equivocado. Sabemos que a fidelidade precisa ser sustentada, ainda que até agora ninguém a tenha sustentado” (Benjamin, 2009, p. 23). Ou seja, quando se apoderam autenticamente da experiência – como a figura do adulto faz ao ter empatia com um tempo do eterno retorno a um passado descolado do novo – a ela se torna contrária a própria verdade e apenas uma conciliação dessa verdade buscada com a “fidelidade” conosco e com nossa comunidade (representada no texto como a juventude militante de seu tempo), poderemos de fato conduzir o novo, ou pelo menos estaremos abertos a ele, a novas experiências.

A identificação dos limites do conceito kantiano de experiência

A tentativa de produção de uma doutrina filosófica a partir do sistema kantiano, com críticas e, sobretudo, sua exigência de uma experiência atrelada à linguagem (que é sempre múltipla, contínua, que sempre está se tornando mais rica), para substituir a frágil base matemático-mecânica do conceito de experiência em Kant.

O problema da epistemologia de Kant, assim como toda grande epistemologia, tem dois lados; e apenas de um deles ele foi capaz de dar



uma explicação válida. Tratava-se, em primeiro lugar, de uma questão relativa à certeza do conhecimento permanente e, em segundo lugar, da questão relativa à dignidade de uma experiência efêmera. (Benjamin, 2019, p. 13)

A experiência poderia ainda ser produzida a partir de uma “doutrina” filosófica como “ensinamento a ser transmitido” (Muricy, 1998, p.65). Pois a experiência que se pretende dar conta do por vir, necessitaria dessa transmissão, dessa continuidade da experiência a partir da unidade da doutrina, que evitaria a dispersão em o que poderíamos chamar de “experiência isoladas”, pois é, na verdade, do caráter da vivência a fragmentação, que é dispersa e incomunicável, impossibilitando uma continuidade, um enriquecimento qualitativo.

Kant justifica bem a “certeza do conhecimento permanente” como a validade intemporal do conhecimento; mas, para Benjamin, ele não foi capaz de fundamentar sua validade temporal, isto é, não conseguiu dar conta nem mesmo da “dignidade de uma experiência efêmera”. A “experiência” kantiana, a esse respeito, em referência à representação ingênua da recepção das percepções, é metafísica ou mitologia e, por certo, apenas uma metafísica ou mitologia modernas, em particular, religiosamente infecunda.” (Benjamin, 2019, p. 24)

A seguinte definição de experiência feita por Benjamin ao fim de seu ensaio não cabe à qualidade das narrativas modernas: “A experiência é a multiplicidade unificada e contínua do conhecimento” (Benjamin, 2019, p. 47). Isto é, uma dita “experiência” que se realiza em sua solidão absoluta, em isolamento, não tem possibilidade de unir as narrativas, restando apenas um conjunto de fragmentos dispersos – uma multiplicidade sem unidade. Sem essa unidade, não há possibilidade de abertura para a continuidade da experiência.

Durante seu projeto, depois abandonado, de tentativa de criação de um novo sistema filosófico, em sua pretensão de desenvolver uma doutrina (*die Lehre*) a ser seguida, a partir do sistema kantiano, mas com a pretensão do desenvolvimento de um novo conceito mais elevado de experiência em razão da insuficiência do conceito de Kant para justificar diversas experiências, inclusive as mais simples. Mas é a partir dos textos dos anos 30 em que o conceito é reformulado e modificado de acordo com sua crítica à modernidade.



O conceito de vivência e a decadência da experiência

Talvez possamos pensar a vivência como “vínculo artificial”, como modo de vida ligado à uma solidão incomunicável que impossibilita uma relação autêntica com nosso próprio tempo. Pois não se trata de um vínculo comum, compartilhado por todos, mas de uma ligação privada, limitada ao indivíduo isolado. E é a partir do indivíduo isolado que surge a galvanização, uma vez que é essa própria relação....

A vivência não serve a mais ninguém, senão, mesmo com todos os seus limites, para o próprio indivíduo que vivencia. Ela nos deixa à deriva do rio do acaso, reféns de nossas próprias escolhas, a partir de nossas próprias atitudes, bem como castra sensibilidade poética, mas, sobretudo, nos silencia e nos impede a ação e a cura diante de situações de extrema barbárie, como no caso da guerra. São experiências como a da guerra que revelam o quão inútil é a força individual para lidar com situações que só podem ser resolvidas em coletivo. A vivência, carece de conteúdo utilitário durável, estando, em grande medida fadada a “funcionar” em situações específicas, dependendo quase sempre do acaso para a sua realização.

Portanto, o vivente age de acordo com as suas perspectivas individuais baseadas em sua história de vida, em seus preconceitos, que poderiam ser esclarecidos, e em suas emoções, que poderiam ser compreendidas. Mas não existe conselho possível a ser dado ou recebido nesse modo de vida.

Em “Experiência e pobreza”, os mais velhos, que têm a paciência necessária para transmitir a experiência, dizem: "Ele é muito jovem, em breve poderá compreender". No ensaio de 1913, ao contrário, podemos imaginar a figura alegórica do adulto dizendo: “ele nunca compreenderá”. Em seguida, no ensaio de 1933, após o alento do “em breve poderá compreender”, o Benjamin anuncia: “Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?” (Benjamin, 1994, p.114).

De certa forma, retornamos aos problemas já ditos em seu ensaio de juventude. Há um completo desconsolo, uma desorientação generalizada diante da vida. As gerações não se comunicam, não conseguem orientar a ação uma das outras. Cada uma das gerações, seja



representada pela figura do adulto, seja da do jovem ou de qualquer outra, não possuem mais a capacidade de transmitir uma orientação prática.

Apesar das diferenças já ditas, podemos refletir que já na juventude de Benjamin havia esse questionamento a respeito daqueles que falsamente reivindicam para si uma experiência, mas que só a desejam para poderem abusar de sua autoridade. As gerações mudam, e o que permitia sua comunicabilidade, sua relação orgânica, está sendo perdido em razão das grandes mudanças da técnica e da realidade de um sofrimento que não pode ser comunicado e, portanto, não pode ser superado ou curado.

Aquilo que dificulta, que se opõe a essa tarefa libertadora não é simplesmente a decadência da experiência em razão de nossa decadência cultural, mas, sobretudo, a “realidade do sofrimento”, a barbárie real, onde há um “sofrimento tal que não pode depositar-se em exigências comunicáveis que não pode dobrar-se à junção, à sintaxe de nossas proposições” (Gagnebin, 1999, p. 63).

A tradição encontra-se em uma situação de pobreza cadavérica. Os “provérbios”, fábulas e histórias exemplares em geral já não fazem sentido para guiar a ação, uma vez que tais não possuem instrumentos necessários para a construção da experiência.

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. (Benjamin, 1994, p. 114)

O indivíduo isolado, o vivente, está alienado de sua comunidade real (de sua vida comum) em razão da incomunicabilidade da experiência. Ao identificar a decadência da experiência, Benjamin também perceber um fenômeno que tenta, de modo anacrônico e inautêntico, invocar forças de um passado cultural que se reivindicam novas.

Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. (Benjamin, 1994, p.114-115)

A partir do terrível avanço da técnica, ideias antigas passaram a ser resgatadas, e elas se realizam não como um renascimento (no sentido de renovação, de surgimento do novo, mesmo que a partir do velho), mas como uma máscara de ferro que, por um feitiço misterioso de um mago, possui uma fina camada que esconde suas ferrugens. Essa fina camada é “uma nova forma de miséria”, isto é, a chamada “galvanização”, conceito introduzido no ensaio de 1933, que pretende dar conta das inversões da situação cultural moderna, isto é, a falta de reconhecimento de nossa pobreza, de nossa “distância” temporal da tradição. Ela já não está ligada a nós, mas os “galvanizados” não conseguem expressar a sua decadência, o seu fim próximo. Não se distanciam da tradição. Sequer notam que aquilo que os distanciam do passado é justamente essa curta camada mineral:

Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. A angustiante riqueza de idéias que se difundiu entre, ou melhor, sobre as pessoas, com a renovação da astrologia e da ioga, da Christian Science e da quiromancia, do vegetarianismo e da gnose, da escolástica e do espiritualismo, é o reverso dessa miséria. Porque não é uma renovação autêntica que está em jogo, e sim uma galvanização. (Benjamin, 1994, p.115)

O mistério consiste no porquê de ser tão fácil retornar a práticas antigas, e até distantes e nunca relacionadas conosco? Por que é tão simples reivindicar para si tantas ideias e modos de vidas tão louvados por todos? O galvanizado não tem escrúpulos em tomar para si um passado que nada tem a ver com seus valores. Ele nega haver essa distância, esse desligamento entre as gerações com a tradição. A informação possibilitada pela técnica e, sobretudo, a temporalidade do capitalismo, que nela tudo cabe, mas que nada a preenche, torna fácil tal reação à decadência da experiência cultura.

Nesse sentido, ao nos direcionarmos assim ao passado, e ao realizarmos de modo real e alienado de nós mesmos, é como se todos fossemos personagens de desenho animado, realizando milagres temporais e espaciais com a nossa imaginação boba, fundada em uma vontade privada que deseja comprimir tudo que é belo e grandioso, toda a tradição, para que cada indivíduo imerso em suas vivências possa pensar carregá-la como um chaveiro decorativo com a maior naturalidade. Assim são as fantasmagorias, que se realizam de modo deformado na vida concreta, mas que, mesmo assim, se tornam reais.



Ao colocarmos no Youtube, por exemplo, a respeito de yoga, veremos pequenoburgueses “influencers” com hábitos tão hostis ao saber oriental, que nada tem a ver com a essência da tradição, do saber que envolve uma prática cultural de tal calibre (e assim se segue nas artes marciais, no veganismo etc.).

E quais seriam as causas do empobrecimento da experiência? O desenvolvimento da técnica e, sobretudo, a experiência traumática (sofrimento real, concreto) e incomunicável da guerra. Mas podemos pensar na guerra para além de um conflito armado entre nações, isto é, como uma inimizade generalizada, como esse desconsolo, essa falta de confiança em algo que, no futuro, possa nos tirar de tamanha agonia, mas não podemos recorrer apenas a isso, pois “o fenômeno não é estranho. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes.” (Benjamin, 1994, p.115).

Não há, na sociedade burguesa, nenhuma base material capaz de lidarmos com nossa situação. Muito ao contrário, é justamente a forma dessa sociedade, suas exigências temporais, espaciais e materiais inegociáveis e inconciliáveis, que são o conteúdo de nosso sofrimento, ou aquilo que conduz nosso sofrimento por um determinado caminho: o da desorientação [*Rat-losigkeit*], conceito chave que será trabalhado no próximo tópico.

Essas forças só podem ser alcançadas com o reconhecimento dessa pobreza e a atitude de renúncia. Após isso, poderemos tomar distância desse passado que tanto nos é empurrado como próximo, e com isso será possível, com distância, nos aproximarmos com calma de uma figura que poderá nos conduzir à compreensão da superação de tamanha miséria: o contador de histórias. Ele possui a autoridade para que possamos entender “exatamente o significado da experiência”, seja de “modo benevolente ou ameaçador”, mas que nos confere um saber valioso, pois sempre nos ajuda em uma ação prática (Benjamin, 1994, p.114).

Necessidade de reconstrução da experiência

Como podemos ver, hoje todos são pobres de experiência, mas apenas alguns miseráveis ainda persistem em admiti-la. No entanto, uma atitude para além desse reconhecimento é necessária. Em “O Narrador”, Benjamin parte desse distanciamento

necessário, deste reconhecimento. “Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais. Descrever um Leskov como narrador não significa trazê-lo mais perto de nós, e sim, pelo contrário, aumentar a distância que nos separa dele” (Benjamin, 1994, p. 197).

E essa “distância” necessária é exposta por Benjamin ao decorrer de seu ensaio anterior “Experiência e pobreza” por meio do reconhecimento da nossa pobreza de experiência, evitando, por exemplo, a pretensão de uma renovação inautêntica do passado além de também, como é mais de nosso interesse aqui, evitarmos uma falsa familiaridade com o contador de histórias, que esvazia as qualidades específicas dessa figura. “Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” (Benjamin, 1994, p. 197).

Mas há ainda quem anseia por isso, por tentar se aproximar da experiência por meio das histórias, mas “Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza” (Benjamin, 1994, p. 197-198). Sim, estamos distantes da *Efahrung* em seu sentido forte. Mas cabe aqui uma reflexão sobre isso: “Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância”, isto é, experienciamos coletivamente a “extinção” da “arte de narrar”, bem como uma consequência específica, a desorientação. Estamos alienados, não abstratamente, mas de modo concreto, como resultado de um processo real, de nossa “faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 1994, p. 197-198).

A experiência começou a ruir a partir de uma literatura específica: o romance. Ele encontrou na classe burguesa seu conteúdo para a produção de uma literatura que mata a autenticidade da língua, destrói qualquer forma de comunhão; na técnica, percebeu como o passado era inútil aos interesses do regime capitalista, como se tudo fosse eterna, imutável e a-histórica: assim como a sociedade burguesa é concebida. Diferentemente do romancista solitário, “O grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (Benjamin, 1994, p. 214). É no romance que o indivíduo passa a ser o centro da história literária (bem como, posteriormente, da vida social), mas esse sujeito isolado não é capaz de dar conta da complexidade do mundo, mesmo que essa seja a sua pretensão.



A salvação (*Rettung, apokatastasis*) não se trata de uma retomada do passado que nos aparece como a mais ideal das épocas, assim como pensa a figura do adulto, mas da salvação de um passado que nos foi negado e recalçado, que nos foi mostrado como impossível em nossos tempos, como, por exemplo, a comunhão de certas sociedades primitivas que tiveram seu passado maldito durante centenas de gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meados de 2022, talvez, ao final de uma conferência sobre a legitimidade e o pertencimento do povo à terra, o poeta palestino Refaat Alareer, assassinado junto a toda sua família por um bombardeio israelense em 2023, conta sobre uma pequena “história” que havia ouvido em uma de suas viagens de militância. Ela se passa em um lugar onde é hoje conhecido como Canadá e foi contada mais ou menos assim: Um dia, ao avistar caravelas, o chefe da aldeia foi à praia para saber o que estava acontecendo. Ao chegar lá, deparou-se com colonos europeus. Eles, com tom de superioridade, disseram: “todas essas terras nos pertencem”. O chefe, ao ouvir a reivindicação de posse, questionou: “se essas terras são suas, contem-me histórias sobre elas”. A resposta foi, obviamente, o inevitável silêncio, pois eles não possuíam vínculo algum com aquele lugar.

Isso nos explica claramente o que significa pertencer à uma tradição, à uma comunidade, e, conseqüentemente, nos diz o que é a *Erfahrung*. A pergunta do chefe “instaura o caos”. O chefe da aldeia nos ensinou algo: viver em uma comunidade, em um tempo produtivo, ligado à natureza e à tradição, permite a obtenção de um tipo de conhecimento que está morrendo, a sabedoria, “o lado épico da verdade”. Sua reação não foi a de alguém que simplesmente queria se defender. Ele fez a pergunta que silencia todos os modernos, mesmo que estes estejam dispostos a cortarem a garganta daqueles que podem dizer – como assim fazem, como sempre fizeram.

Mas sabemos o fim de tudo isso. As comunidades foram destruídas pela civilização. A experiência nos foi subtraída muito antes mesmo de nascermos. A distância espacial que nos separam de nossos ancestrais é imensa, a temporal ainda mais. No entanto, o espírito ainda chega todos os dias e nos convida para recebê-lo, mesmo que de forma bastante humilde, ou até mesmo pobre – devemos reconhecer.

A existência simultânea do velho, que existe como uma árvore oca que se recusa a



tombar mesmo estando morta, e do novo, que resiste não em meio à pobreza, ou apesar dela, mas nela própria pois é dada “uma nova beleza àquilo que está desaparecendo” ou sendo esquecido. Não se trata de festejarmos isso, como a talvez abandonada atitude da “nova barbárie” o faz, mas de cultivar uma outra atitude, a da rememoração, produzida pela figura do contador de histórias, que é identificado à figura do justo, do sábio: “O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo” (Benjamin, 1994, p. 221).

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Experiência in: **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o programa da filosofia por vir**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em W. Benjamin**. Editora Perspectiva: São Paulo, 1999.

MURICY, Katia. **Alegorias da dialética: Imagem e pensamento em Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.